

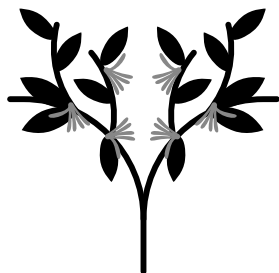


ELIETE

A VIDA NORMAL

Eliete

PARTE I
A VIDA NORMAL



DULCE MARIA CARDOSO

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXX

© 2018, Dulce Maria Cardoso
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Eliete – A vida normal*
Autora: Dulce Maria Cardoso
Revisão: Tinta-da-china (M. Alfaia)
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Novembro de 2018
1.ª edição de bolso: Julho de 2020

ISBN 978-989-671-562-5
Depósito Legal n.º 471425/20

Ao Clude e à Ru.

*Ao Tomás e ao Vicente,
recém-chegados a este
desmundramento.*

*Y no sabe morir ni vivir: Y no sabe
que el mañana es tan sólo el hoy muerto.*

DULCE MARÍA LOYNAZ

Eu sou eu e o Salazar que se foda. Um ditador governa Portugal quase meio século, quase outro meio passa desde a sua morte, até que aparece na minha vida. De repente, foi como se sempre aqui tivesse estado e tomasse conta de tudo. Eu não podia deixar que isso acontecesse.

Quando telefonaram do hospital por causa da avó, faltavam mais de cinco meses para a noite do temporal, mas sinto que foi nesse momento que o Salazar começou a insinuar-se na minha vida.

No hospital, a mamã insistia, A minha sogra sempre teve as ideias no lugar, não sei como isto aconteceu. Não era segredo para ninguém que a mamã não gostava da avó, Os nossos santos não se cruzam, explicava quando estava bem-disposta, nos outros dias limitava-se a praguejar, Raios partam a velha, que vá morrer longe a ver se me importo. Mas, no hospital, a preocupação da mamã parecia sincera e era surpreendente a dificuldade que demonstrava em aceitar que, aos oitenta e um anos, a avó tivesse destrambelhado daquela maneira, Não pode ser, a minha sogra não pode estar bem num momento e noutro ficar assim, insistia com o médico, como se o alardear da sua incredulidade lhe abrisse uma porta mágica para a compreensão do que se passava. Ignorando educadamente os comentários da mamã,

o médico voltou-se para mim e perguntou, Notou alguma alteração no comportamento da sua avó antes deste episódio? Episódio, foi a palavra que o médico usou para abarcar factos tão estapafúrdios como a avó ter saído de casa em camisa de dormir e sapatos de ir à missa, ter andado por Cascais nessa figura, acabando por cair e fazer um lanho na testa na loja de recordações da Rua Direita, e estar chorosa quando a mamã e eu chegámos ao hospital. Encontrámo-la deitada na maca, a ferida da cabeça já coberta com uma gaze branca. Insistia, numa aflitiva inquietação, que tinha de ir para a capital. Que história é esta, ela sempre detestou Lisboa, alarmou-se a mamã, Será que bebeu qualquer coisa por engano? Não me parece que seja o caso, respondeu o médico. Era um médico jovem, tom de voz monocórdico, perfume caro. A mamã cheirava à água de colónia que comprava na droguaria da rua da Polícia em frascos de meio litro, cada um desses frascos dava para encher por duas vezes o de Bien Être, que tinha sobre a cómoda do seu quarto. Identificaria em qualquer parte do mundo aquela mistura de rosmaninho e limão sintéticos que se desprendia da mamã, das axilas rapadas, das pregas da barriga, das coxas roliças, identificaria em qualquer parte do mundo o cheiro dos serões em que adormecia no seu colo a ver televisão.

Sabe Deus que mais irá inventar, afligia-se a mamã, numa formulação também ela inusual, já que, ao contrário da avó, a mamã nunca quis saber de Deus para nada. Que raio de azar havia de acontecer, lamentava, arqueando as sobrancelhas como as heroínas das fotonovelas fazem nos momentos de preocupação e ansiedade. Se há coisa em que a mamã tinha orgulho era nas suas fotonovelas. Mandou-as encadernar, a vermelho e dourado, em volumes de dez

exemplares cada, e exibia-as na estante de pinho que comprou no Vassoureiro quando nos mudámos de casa da avó. Como é que uma pessoa fica neste estado?, perguntava a mamã, tão perturbada quanto eu. O estado a que se referia era o desespero que tomara conta da avó, Tirem-me daqui, tirem-me daqui, levem-me para a capital, suplicava aos gritos, enquanto tentava despir-se e arrancar a agulha que a ligava ao balão de soro.

Antes que o pudéssemos evitar, a avó rasgou a camisa de dormir, mostrando, despidorada, a sua nudez, os mamilos rosados a cumearem o relevo tremente dos seios, um triângulo perfeito de pelos grisalhos a cobrirem o púbis, uma pele muito branca que prolongava o engelamento das mãos e do pescoço com a mesma gentileza e arte com que o tempo trabalha loiça antiga, um corpo em que tudo era proporcionado e descuidadamente delicado. Nunca tinha visto a avó nua. À exceção da cara e das mãos, o seu corpo toda a vida estivera escondido a preto, saia preta, camisola preta, meias e sapatos pretos. Quando era pequena, imaginava-o como o dos manequins da loja das noivas onde a mamã trabalhava, um corpo de plástico ao qual tinham enroscado umas mãos e uma cabeça velhas. A certa altura convenci-me de que era essa a conclusão a que a avó queria que chegássemos, tal o esforço que fazia para o esconder. O luto, a sobriedade e a severidade com que sempre se vestira e comportara não lhe tinham encoberto a beleza, mas só agora, ao vê-la despida, dava conta de que haviam conseguido disfarçar a mulher tentadora que com certeza fora. Para a avó, a nudez revelava-se uma tentação do demónio, como de resto quase tudo na vida, o demónio era incansável nas suas manhas e a avó precisava de ser ainda mais incansável na vigilância que

lhe fazia e, por isso, Anda cá, Eliete, chamou-me a avó na tarde de um tempo, para mim, ainda quase inteiro e intacto. Eu passava pela cozinha, para ir tomar banho de mangueira no quintal, vestida com o fato de banho que a mamã me tinha comprado no mercado, um fato de banho com estrelas brancas em fundo azul, Anda cá, Eliete, agora que já és uma mulherzinha, não podes andar assim nesses preparos. A avó estava sentada num banco de madeira escura junto à saída para o alpendre e debulhava favas, as suas mãos ainda a salvo da velhice que haveria de torná-las frágeis e hesitantes, o Sr. Pereira no outro lado da casa, fechado no escritório como de costume, e a mamã no trabalho, à distância do comboio e da camioneta que a traria de volta no final da tarde. Na minha mão, a toalha de algodão cor de laranja que haveria de estender na laje de cimento, a minha ilha de pedra que ficava quase a meio do quintal.

As tardes das férias grandes eram tão vagarosas, que se colavam umas às outras transformando-as numa única e invencível tarde. No meu pequeno mundo, as mudanças conduziam-nos sempre, sem cansaço, ao princípio de tudo, as flores da romãzeira anunciavam o fim do verão, a luz de inverno dourava os dióspiros, as laranjas cresciam para o doce que havia de ser guardado na despensa dentro dos frascos com rótulos onde a avó escrevia *laranja amarga*, as formigas assoberbavam-se em carreiros, os pássaros acoitavam-se nos ramos das árvores, de manhã o sol espreguiçava-se pelo quarto da avó e à tarde fazia sesta no meu e da mamã, à noite a lua andava por onde lhe apetecia.

De pé, contraindo cada músculo do meu corpo franzino, empunhava a ponta da mangueira verde contra a minha cabeça, esperando que a água fria viesse das entranhas da

terra e me amotinasse o corpo para libertar-me do feitiço da tarde interminável, o meu corpo ganhava vontade própria e começava a mexer-se, Feime aime gona live forevare, ouvia-me cantar dentro do meu fato de banho com estrelas brancas, os pés sujos de terra, Feime aime gona live forevare, não sabia nada de inglês, a vida ainda só servia para me oferecer a infância de que nunca me libertaria.

Deixava a água fria a correr sobre o meu corpo, a pele das mãos encarquilhava-se e os meus lábios arroxavam-se, só mais um bocadinho, só mais um bocadinho, a água fria das entranhas da terra a correr sobre o meu corpo até me faltar o ar. Quanto mais tempo aguentasse, maior o prazer quando me deitava na toalha esticada na laje de cimento, Só mais um bocadinho, pensava, só mais um bocadinho. O calor da laje selava-me o corpo, poro a poro, e devolvia-me amansado, novamente submisso. Abria os olhos, atenta ao faz-desfaz das nuvens, à procura de animais, um golfinho que se enrolava numa cabeça de tigre para logo se esticar numa cobra, um céu ainda sem sublinhados de avião, um mundo desmedido e disperso, Anda cá, Eliete.

O alguidar de esmalte azul quase cheio de rinzinhos verdes, a avó sem levantar os olhos, os dedos concertados em fazer estalar as vagens que se amontoavam ao lado do alguidar sobre folhas de jornal e que, depois de picadas, lançávamos ao capoeiro das galinhas, feito com uma rede de arame aos hexágonos e um telheiro de chapa ondulada, entre a garagem e o muro do fundo do quintal, Uma rapariga decente não pode andar assim pela casa, não pode mostrar aos outros o que pertence ao futuro marido. Não conheci maior ambição à avó do que a de conseguir domar-me a carne e a alma. Tu não queres ser como as outras, pois não?

Dulce Maria Cardoso nasceu em Trás-os-Montes, em 1964. Publicou os romances *O Retorno* (2011, Prémio Especial da Crítica; Livro do Ano dos jornais *Público* e *Expresso*), *O Chão dos Pardais* (2009, Prémio PEN Clube Português e Prémio Ciranda), *Os Meus Sentimentos* (2005, Prémio da União Europeia para a Literatura) e *Campo de Sangue* (2001, Prémio Acontece; escrito na sequência da atribuição de uma Bolsa de Criação Literária pelo Ministério da Cultura). Os seus livros estão traduzidos em várias línguas e publicados em mais de duas dezenas de países. A tradução inglesa de *O Retorno* recebeu, em 2016, o English PEN Translates Award.

A antologia *Tudo São Histórias de Amor* (2013) reúne grande parte dos contos publicados em revistas e jornais. Alguns destes textos integram antologias estrangeiras, e o conto «Anjos por dentro» foi escolhido para a antologia *Best European Fiction 2012*, publicada pela prestigiada Dalkey Archive Press. Publicou ainda o livro *Rosas* (2017) e as histórias infanto-juvenis de *Lôá, a menina-Deus* (2014).

A obra de Dulce Maria Cardoso é estudada em universidades de vários países e tem sido objeto de adaptações para cinema e teatro. Em 2012, recebeu do Estado francês a condecoração de Cavaleira da Ordem das Artes e Letras.

Eliete

A VIDA NORMAL

foi composto em caracteres HoeflerText
e impresso pela Eigal, Indústria Gráfica,
sobre papel Coral Book de 80 gramas,
em Junho de 2020.

